

**A EDUCAÇÃO EM SAÚDE DOS AGENTES INDÍGENAS NO ALTO RIO  
SOLIMÕES, NO AMAZONAS: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E  
ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS.**

Dra. Cláudia Guerra Monteiro  
Francisco Queiroz  
Janayla B. Almeida de Oliveira  
Dra. Maria de Nazaré de Lima Ramos  
Carolina Guerra Monteiro ( Bolsista)

O presente artigo tem como objetivo relatara experiência da execução do Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde e de Saneamento (AIS/AISAN) e o difícil caminho percorrido no processo de formação dos indígenas no Estado do Amazonas, sob a ótica dos ecossistemas comunicacionais realizado no período de fevereiro de 2018 a março de 2019, no Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) do Alto Rio Solimões. Refletiu-se sobre os desafios encontrados em relação ao processo de Formação em Saúde Indígena, dos problemas de logística, dos princípios e diretrizes delineados pelo programa.

O Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde e de Saneamento (AIS/AISAN) é uma ação que se insere no contexto da Educação Permanente em Saúde (EPS) com objetivo de Qualificar em parceria com a Escola Técnica do SUS do Amazonas os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN) que atuam nos 07 DSEIS, localizados no Estado do Amazonas, conforme as Diretrizes e orientações do Ministério da Saúde para o Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)/2017. O projeto contou com o apoio institucional da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI/MS) e da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES/MS). A Universidade Federal do Amazonas e o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas foram as instituições responsáveis por formar cerca de 1.530 Agentes Indígenas de Saúde e Agentes Indígenas de Saneamento, até o fim de 2019.

Conforme a Portaria GM/MS nº 1.996, de 20 de agosto de 2007, a Educação Permanente em Saúde (EPS), entendida como estratégia de mudanças nas dinâmicas institucionais utilizando-se das concepções de ensino problematizadora e de aprendizagem significativa foram incorporadas nas premissas de construção do programa. Os agentes indígenas de saúde e de saneamento, foram incentivados pelos formadores durante os encontros a repensarem suas condutas, construir novas estratégias e caminhos para superação de dificuldades individuais e coletivas no território.

A EPS se baseia num processo ensino-aprendizagem que ocorre da reflexão da realidade vivenciada no cotidiano. Essa estratégia educativa, realizada no espaço de trabalho/produção/educação em saúde, apresenta-se como de grande contribuição para a melhoria da qualidade dos serviços e das condições de trabalho ao incorporar os princípios da problematização, a contextualização da realidade, as pedagogias inovadoras e o pensamento reflexivo (PEREIRA et al., 2018)

Na caminhada formativa dos AIS foram percebidas demandas variadas em relação à formação formal e informal desse aluno/trabalhador, desde formação acadêmica de nível superior até a dificuldade concreta com a língua portuguesa. Uns conseguiam uma maior proximidade e entendimento das temáticas propostas, e outros, mais distanciamento. Nada incomum nesse tipo de formação, a não ser que o otimismo precisava sempre ser reforçado, além das boas perspectivas.

As diretrizes para formulação de políticas de saúde indígena no Brasil tiveram como um dos seus marcos a 1ª Conferência Nacional de Proteção à Saúde Indígena (CNPSI), evento realizado em 1986. Por ocasião deste movimento foi alicerçada na Atenção Primária da Saúde – APS o atendimento das necessidades de saúde e sua especificidade na direção de uma atenção diferenciada com foco na APS. Ainda neste contexto, em 1999 foi instituído através da lei 9.836 o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI), cujo objetivo era instituir a APS no âmbito do território indígena (MENDES et al, 2018).

Atualmente o Ministério da Saúde gerencia e executa as ações de atendimento de saúde aos indígenas através da Secretaria Especial de Saúde

Indígena – SESAI. Os serviços de atenção à saúde indígena estão organizados em 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas - DSEIs, sendo unidades descentralizadas do SASI, divididos estrategicamente por critérios territoriais. Os serviços são organizados dentro das áreas indígenas de forma integrada e hierarquizada dentro da complexidade da rede do Sistema Único de Saúde – SUS. Os DSEIs mantêm estrutura de postos de saúde nas aldeias e se organizam também por meio de polos-bases, contando ainda com o suporte das Casas de Saúde Indígena – CASAI, estrutura de apoio aos indígenas localizados nos centros urbanos, destinadas para receber pacientes indígenas encaminhados para exames e tratamentos de média e alta complexidade, sendo os mesmos referenciados pelas Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena – EMSI (SILVA et al, 2016; BRASIL, 2002a; CARDOSO, 2014).

O trabalho de formação foi pensado e planejado para ser executado por aproximadamente 60 formadores das mais diversas áreas. Os profissionais fazem parte das Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena (EMSI), que atuam dentro das terras indígenas, sendo o foco da formação. Sabemos que mais de 50% da força de trabalho é de indígenas, especialmente os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e de Saneamento (AISAN) e Técnicos de Enfermagem, que atuam não só com ações de promoção da saúde, mas também como tradutores ou intérpretes, facilitando o diálogo entre as culturas.

Nesta escrita, nosso objetivo é de analisar uma das etapas do programa de qualificação: a formação dos professores selecionados através de processo seletivo simplificado. A formação docente realizada no período de fevereiro a março de 2018, com carga horária de 40 horas, e contemplando questões administrativas, técnicas e pedagógicas.

### **O Programa de Qualificação AIS/AISAN: Bases teóricas versus problema**

Os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreendem, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela

envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. (PEREIRA, 2011, p. 51).

Tomamos como epígrafe a definição Pereira (2011), por assumir que a formação AIS/AISAN trilha por um caminho que possui elementos complexos, interligadas de forma dinâmica. O Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação Social (PPGCCOM) da UFAM, possibilita que nós pesquisadores, possamos analisar todo esse processo, sob a percepção epistemológica do conceito de educomunicação, trabalhando e analisando essa influência dentro de três perspectivas: a comunicacional, a social e a cultural, não esquecendo que estes processos de influências podem estar interligados.

A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), como parte integrante da Política Nacional de Saúde, reconhece a necessidade de instituir um programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde e de Saneamento (AIS/AISAN), de modo a valorizar o conhecimento e a diversidade social, cultural, comunicacional, geográfica, histórica e política dos povos indígenas. A previsão é formar 1.530 AIS/AISAN em todos os 7 (sete) Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIS) do Amazonas.

Conforme apontado nas Diretrizes do Programa AIS/AISAN (BRASIL, 2018), 40% dos AIS e 60% dos AISAN, já tiveram acesso a algum curso de formação, no entanto, através de um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde, evidenciou-se a necessidade de realizar uma capacitação, contemplando competências específicas e em conformidade com os processos de trabalho e com eixos estruturantes, a saber: o processo de trabalho dos AIS e AISAN e sua articulação ensino-serviço e comunidade; os princípios e diretrizes do Sistema

Único de Saúde; os princípios da atenção diferenciada à saúde dos povos indígenas na perspectiva da interculturalidade.

A concepção que tivemos a respeito do processo de ensino-aprendizagem, a qual balizaria essa etapa, estava atrelada a uma construção coletiva de conhecimentos (alunos, professores, e comunidade), desenvolvido de forma contínua, global, dialógica, articulada e contextualizada às situações e ações exercidas pelos sujeitos em seus espaços e momentos sócio históricos.. “O planejamento participativo propõe e deve implementar intervenções coletivas sobre o social, refletidas e conscientes. Ainda que venha desenvolver-se em microespaços do social, pode desempenhar uma atuação estratégica e construir sentido” (FALKEMBACH, 2008, p. 135).

Esse esforço é demonstrado em visita técnica apresentada nesta etapa(figura I) em que apresenta o início do primeiro módulo, nela foi realizada uma reunião ampliada com as lideranças indígenas da Aldeia Marajá localizada no município de Alvarães. A direção da escola recebeu alunos e professores e a equipe de saúde do Distrito Sanitário Indígena do Alto Rio Solimões e a Coordenação Pedagógica da Universidade Federal do Amazonas. O momento foi importante para alinhar estratégias de logística de transporte, acomodação, alimentação e execução dos encontros.

Os materiais didáticos criados e utilizados pelos formadores foram fator importante no processo de conscientização da formação. Para Moran (1991), quando analisa os meios de comunicação como um instrumento didático-pedagógico, entende que eles podem ser utilizados também como instrução, informação, formas de passar conteúdos organizados, claros e sequenciados. Menciona ainda que se trata de uma contribuição didática e não elimina o papel do professor, ajudando o professor a desenvolver sua tarefa principal que é a de educar para uma visão mais crítica da sociedade.

### **A comunicação como centralidade no processo formativo**

Quando o homem primitivo caçava, com o intuito de garantir a sobrevivência, seus métodos eram baseados em respostas herdadas por seus ancestrais ou por seu próprio instinto. Muito tempo depois, o homem passou a

adotar grunhidos, fazia muita gesticulação e alguns outros sinais para se comunicar. Os sinais foram apreendidos pelos grupos, compartilhados por todos, dando a eles o sentido de participação.

Nessa época já se buscava maneiras de simplificar a vida em grupo. Um desses avanços foi a instauração da troca de mercadorias.

A relação os grunhidos e gritos, a técnica da pintura já dava sinais de que as novas tecnologias não eram apenas formas de registrar a modo de vida daqueles povos. Eram, também, os primeiros indícios do processo evolutivo de educação e comunicação dos seres humanos. Cada desenho tinha um significado a ser descoberto, cada símbolo uma ideia, coisa ou conceito. Para se descobrir o que significava cada mensagem, tinha que se ter conhecimentos de um enorme número de símbolos. Em princípio, os que obtinham tal conhecimento restringiam-se aos grandes especialistas.

Antigos escribas estudavam durante muito tempo para poderem dominar tais informações. Com isso, passaram a exercer um poder quase absoluto.

A escrita foi, sem dúvida, uma das tecnologias de comunicação mais importantes para o progresso da humanidade e para o desenvolvimento do conceito de comunicação de massa. Sem ela, provavelmente, a história das grandes civilizações do mundo estaria perdida. Gutemberg proporcionou as condições técnicas para que o jornal se transformasse no primeiro veículo de comunicação de massa.

Nos meios acadêmicos e, principalmente, no mercado de trabalho, a incorporação das novas tecnologias ocorre numa velocidade tão intensa que se torna difícil acompanhá-las. Porém, o homem moderno vive um paradoxo de quem não sabe ler nem escrever: goza dos direitos de cidadão mas sente-se, cada vez mais isolado pela falta do domínio das novas tecnologias de comunicação (COSTELLA, 1984; BODERNAVE, 1987).

**Princípios Pedagógicos sob as três perspectivas: a comunicacional, a social e a cultural.**

Desta maneira, tem sido cada vez maior o uso dos meios de comunicação com objetivos educacionais e de integração do cidadão à sociedade. O rádio, o jornal, o telefone, a internet e a televisão são meios utilizados pelas sociedades que permitem maior relação na vida política e social do país, assim como, meios de entretenimento e de divulgação diversas. É através destes meios de comunicação, que os indígenas também utilizam para se manterem informados sobre os assuntos atuais.

Entende-se ainda a aprendizagem como um processo social referido a um determinado contexto histórico e cultural, mediado por interações sociais em suas múltiplas linguagens que envolvem não só o pensar, mas também o sentir e o agir que possibilitam o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Essas práticas pedagógicas orientaram o processo de capacitação docente para atuação no Programa de Qualificação de AIS e de AISAN, direcionados e explicitados da seguinte maneira:

**a)** O princípio da interdisciplinaridade presume que os saberes provenientes de diferentes áreas do conhecimento necessitam ser trabalhados de forma interconectada, de forma inter-relacionada, compondo uma totalidade integradora do conhecimento, compreendida e analisada de forma dinâmica. Nesse caso, devem ser integradas as disciplinas relacionadas à área da saúde, da educação, da política, da antropologia, das ciências da natureza e da linguagem. Em relação ao contexto da interdisciplinaridade a formação permitiu que os docentes realizassem alguns encontros para discutir a situação de saúde local, convidando lideranças indígenas, Equipe Multidisciplinar de Saúde local, representantes da gestão do Dsei, das Secretarias de Saúde da localidade onde a aldeia está instalada e de outras instituições. Esses eventos contribuíram para ampliar o diálogo entre as organizações e ampliar o conhecimento acerca do objeto de trabalho de cada instituição e sua correção com a saúde indígena.

**b)** O princípio da relação entre teoria e prática pressupõe que, no processo de ensino-aprendizagem, ambas sejam desenvolvidas articuladamente, considerando a prática como ponto de partida e de chegada do processo de construção e transformação da realidade. Foi possível realizar durante as aulas algumas oficinas de trabalho, que colocaram os agentes indígenas discentes

realizando exercícios de simulação para atendimento de saúde, preenchimento de formulários, abordagem na comunidade, palestra para comunidade e diálogo com profissionais de saúde para relatar eventos de saúde evidenciados nas aldeias.

**c)** O princípio da articulação ensino-serviço-comunidade deve ser tomado como cenário de referência e espaço pedagógico. A partir das ações desenvolvidas em seu processo de trabalho, do contexto do serviço em que está inserido e da comunidade, o aluno problematiza seu cotidiano e desenvolve momentos de reflexão na ação que propiciam mudanças no trabalho. Os formadores utilizaram variados métodos pedagógicos para levantar os problemas de saúde da comunidade, entre eles, construíram o mapa de saúde, estruturados por micro regiões das aldeias. As ferramentas proporcionaram momentos de discussão entre os alunos e a construção de um plano de intervenção visando melhorar as práticas de trabalho e conseqüentemente a relação com as Equipes de Saúde do DSEI.

**d)** Compõe ainda os princípios pedagógicos a avaliação formativa. Considerando que o processo de ensino-aprendizagem ocorre por meio de aproximações sucessivas do aluno ao objeto de estudo, a partir da reflexão, ele reelabora e reorganiza seu conhecimento. A avaliação, nessa perspectiva, constitui-se em uma atividade constantemente articulada e inseparável de todo processo, presente tanto na concentração como na dispersão, permitindo a todo o momento acompanhar os avanços e dificuldades do educando e criar estratégias conjuntas de recuperação.

No término de cada módulo os alunos foram avaliados, seja no próprio processo de formação e ainda no término daquele módulo. Além disso, o programa construiu uma ferramenta de prática de aprendizagem supervisionada pelas equipes multidisciplinares de saúde dos DSEI's que participaram significativamente nos momentos das Dispersões. Os alunos foram orientados a cumprir algumas atividades práticas mediadas pelas equipes de saúde, dentro de um tempo determinado com a entrega de um produto, sujeitos a uma avaliação qualitativa sobre o desempenho alcançado nesta etapa.

No primeiro dia da Formação, foi apresentado o Plano de Curso e Diretrizes da Qualificação AIS e AISAN: Mapa de competências e marco de orientação curricular a saber: Processo de Trabalho do AIS e de AISAN e sua articulação ensino-serviço e comunidade; e nos princípios e diretrizes do SUS; Princípios da atenção diferenciada à saúde na perspectiva da interculturalidade, contemplando os aspectos da diferenciação, especificidade, multilinguismo, multidisciplinaridade, respeito às singularidades históricas e culturais indígenas. Princípios da Antropologia. Como estratégia metodológica, os alunos realizaram desenhos que demonstravam suas representações sobre o território de atuação do curso.

Dentro desse processo comunicacional, entendemos que toda representação nos diz muito mais que uma mera tradução. Mostra-nos os diferentes níveis de compreensão e a partir de quais aspectos necessita-se uma intervenção. Nesse sentido, tais representações, tornam-se mensagens, configurações e mostram claramente caminhos.



Turma extra: PB SPO-Sede Professora May

Figura III: Dinâmica no curso de formação

Durante o processo, ressignificamos a estratégia de formação, e incorporamos elementos como troca de experiências, apresentação das características da saúde indígena. A ideia era que eles potencializassem um debate sobre a Saúde Indígena. Nesse sentido, realizamos as seguintes estratégias: roda de conversas sobre as representações, para que os mesmos tivessem ciência dos obstáculos epistemológicos presentes; apontamentos teóricos a partir das dificuldades encontradas e discussão sobre os principais conceitos e bases legais sobre o programa de qualificação.

**No decorrer da formação, frisou-se os seguintes pontos:**

- A importância da abertura para processo de troca de saberes entre o processo de aprendizado preconizado pelo curso e a cultura tradicional que cada etnia trás incorporada no cotidiano de cada aluno, as quais têm importante significância no resultado final. Exigem, portanto, de um professor reflexivo e que compreenda o discente em seus níveis de aprendizagem. A avaliação, assim, é sustentada por uma concepção mais formativa e processual.
- A formação é um caminho produtivo, mas que exige dedicação, pensamento crítico e respeito à cultura e à diversidade. Além disso, a elaboração e discussão do Plano de Ensino, de forma coletiva, é uma estratégia produtiva e significativa.

A partir das intervenções pedagógicas, percebemos que os participantes que, até então, demonstravam certa timidez durante as discussões (pelo fato de não possuírem experiência na docência), adotaram uma excelente postura pedagógica frente ao grupo. Esse fato deixa claro que um trabalho de intervenção pedagógica – planejamento, implementação e avaliação - a partir das representações é fecundo e supera os obstáculos epistemológicos.

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou

virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2002, p. 115)

Tendo, portanto, como base, um trabalho a partir das representações dos docentes, percebemos as retificações e as mudanças na forma de compreender as questões indígenas. Toda prática docente é uma ação social, a qual pode ser definida pelos valores socialmente expostos. Essa maneira de intervir encontra-se estruturada em pilares que envolvem a especialização e atualização de conhecimentos, o fazer didático, formação pessoal e autoconhecimento, a valorização de técnicas e estratégias pedagógicas, além de envolver saberes que intrinsecamente estão ligados diretamente aos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais apresentados no contexto (DALBEN, 2006).

### **Considerações Finais**

Qualquer iniciativa que venha a estimular a participação do indivíduo, quer na sala de aula, quer na sociedade, deve ser estimulada. A implantação de vários projetos de uso das novas tecnologias na sala de aula precisa ser acompanhada de um estudo mais aprofundado de viabilidade técnica e operacionalização desses projetos a fim de que boas ideias não se transformem em novos projetos fracassados.

O que se questiona é se todo esse avanço promovido pelas novas tecnologias de comunicação será capaz de contribuir para que o homem se torne um "ser" mais participante na sociedade em que vive. Historicamente, o processo de evolução dos meios através dos quais os homens se comunicam tem demonstrado que esses meios tanto podem contribuir para a participação e "libertação" do cidadão quanto para seu aprisionamento. Depende da forma como os meios de comunicação estão sendo utilizados: se numa sociedade democrática ou numa sociedade totalitária.

Ao que se sabe, os materiais didáticos criados começam a se apresentar como efetivos meios a serem usados no processo educacional. Uma das inferências que se pode fazer é que, com a concorrência surgida a partir da rede mundial de computadores, esses meios procuram firmar posição e se apresentar como formas efetivas e necessárias, dentro da sociedade.

No entanto, percebemos que os professores selecionados em Edital para tal qualificação, apesar de muitos terem formação técnica, apresentaram pouco domínio dos aspectos pedagógicos e antropológicos, reforçando, por vezes, concepções reducionistas e pejorativas. O processo de formação, considerando os aspectos da Interculturalidade, interdisciplinaridade, relação teoria e prática e avaliação formativa, tornaram-se essenciais para retificação e/ou ampliação das representações dos docentes.

## REFERÊNCIAS

BALL-ROKEACH, Sandra, DeFLEUR, Melvin L. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro:Zahar, 1997.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação** - da informação ao receptor. São Paulo: Moderna,1995.

BODERNAVE, Juan Diaz. **Além dos meios e mensagens**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRASIL. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação. **Diretrizes do Programa de Qualificação de Agente Indígena de Saúde e Agente Indígena de Saneamento**. Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Brasil. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. 2. Ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde: Fundação Nacional de Saúde, 2002a. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_saude\\_indigena.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_saude_indigena.pdf)> Acesso em: 17 set. 2019.

CARDOSO, Maria. D. **Saúde e povos indígenas no Brasil: notas sobre alguns temas equívocos na política atual**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 860-866, 2014.

COSTELLA, Antonio. **Comunicação: do grito ao satélite**. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira, 1984.

CUNHA, Montanari. **Evolução do Bicho-homem [Desafios]**. São Paulo: Moderna, 1996.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Concepções de Formação de Professores**. FAE. UFMG. Fórum Permanente de Formação continuada de professores. 2004.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. **Sobre a história recente da Educação Popular na América Latina**. Caxambu, MG: Anped, 2008.

GIACOMANTONIO, Marcelo. **O ensino através dos audiovisuais**. São Paulo: Summus/Edusp, 1987.

GIOVANNINI, Giovanni (coord.). **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1987.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

MENDES, Ana Paula M;LEITE,MauricioS;LANGDON, Esther J;GRISOTTI, Márcia. **O desafio da atenção primária na saúde indígena no Brasil**. Rev Panam Salud Publica. 2018;42:e184.<https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.184>

PEREIRA, Mirna Feitoza; **Ecosistemas Comunicacionais**: uma proposição conceitual. In: MALCHER, M. A.; SEIXA, N. S.dos Anjos; LIMA, R. L. Alves de, FILHO, O. Amaral (Org.). Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Belém: FADESP, 2011.

PEREIRA, Lizziane d' Ávila; SILVA, Kênia Lara; ANDRADE, Maria de Fátima Lobato Benedito; CARDOSO, Andréa Lorena Ferreira. **Educação permanente em saúde: uma prática possível**. Revenferm UFPE online., Recife, 12(5):1469-79, maio., 2018.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das câmeras - relações entre cultura, estado e televisão**. São Paulo:Summus, 1988.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 7. reimp.Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem?** poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Portaria GM/MS nº 1.996, 20 de agosto de 2007: dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MOTTA, Adilson Pires. **Linguagem e exclusão social**. Bom Jardim (MAO), 2007.

SILVA, Domingas M.; NASCIMENTO, Eloane, H.S.; SANTOS, Luana A.; MARTINS, Nádia V N.; SOUSA, Maria T.; FIGUEIRA, Maura C S. Dificuldades enfrentadas pelos indígenas durante a permanência em uma Casa de Saúde Indígena na região Amazônica/Brasil. Rev. Saúde e soc. 25 (4) Out-Dez 2016 • <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016160600>

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo ECA/USP-Ed. Segmento, Ano VIII, Jan/abr.2002, nº 23.

SKINNER, B.F. Tecnologia do Ensino. São Paulo: Herder, 1972.

VAN TILBURG, João Luis. **A televisão e o mundo do trabalho**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WITKOWSKI, Nicolas (coordenador). **Ciência e tecnologia hoje**. São Paulo: Ensaio/Unicamp 1995